

**A CONSTRUÇÃO DA DIFERENÇA:
A DEFICIÊNCIA COMO ASPECTO SOCIAL EM A PATA DA GAZELA, TIL
E MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS***

Adamor Cordeiro BATISTA[√]
Érica Maria do Carmo REIS^{√√}

RESUMO

Este trabalho analisa a representação de personagens com deficiência em três narrativas brasileiras do século XIX: Laura, de **A pata da gazela** (2012); Brás, de **Til** (2019); e Eugênia, de **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (2022). O estudo busca compreender como a deficiência molda a construção dessas personagens e suas interações sociais, destacando os processos de exclusão e estigmatização que enfrentam. À medida que essas obras refletem os preconceitos da sociedade brasileira de suas respectivas épocas, abrem espaço para questionamentos sobre as normas sociais relacionadas à deficiência. Dessa forma, evidencia-se como o discurso literário pode contribuir para a formação de uma sociedade mais crítica e inclusiva, capaz de compreender e conviver com as diferenças. Para fundamentar nossa discussão, utilizamos o seguinte referencial teórico: Almeida (2014), Barbosa (2012), Candido (1995; 2009), Figueira (2021), Paulino (2023), entre outros, além das próprias obras literárias analisadas.

Palavras-chave: Deficiência. Literatura. Personagens. Narrativas.

* Artigo recebido em 27/10/2024 e aprovado em 10/12/2024.

[√] Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Professor substituto na Universidade Federal do Acre, nas áreas de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa. E-mail: adamorc9@gmail.com

^{√√} Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Professora de Língua Portuguesa do quadro permanente da Secretaria de Estado, Cultura e Esportes do Acre. E-mail: emcdosreis2308@gmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A representação da pessoa com deficiência na literatura brasileira tem acompanhado as mudanças históricas e culturais, muitas vezes reforçando estereótipos de vulnerabilidade ou limitações, fruto de visões capacitistas. Por muito tempo, essas personagens foram tratadas de forma estigmatizada, servindo como metáforas para fragilidade ou tragédia. No entanto, em décadas recentes, novas narrativas começaram a dar voz a essas pessoas de maneira mais complexa e realista, desafiando estigmas e promovendo a inclusão. Dessa forma, estudar essas representações é essencial para entender como a literatura pode perpetuar ou desconstruir as exclusões sociais.

Além disso, identificar as manifestações de discriminação e considerar o contexto histórico-literário, esse, que molda a compreensão da deficiência nessas histórias, evidenciando o potencial da literatura para fomentar um ambiente social mais inclusivo e aberto à diversidade. Logo, torna-se relevante compreender como essas tensões e contradições atravessam as relações que dão corpo a nossa vida social. Posto que, àqueles deixados à margem, destacados a partir das personagens Laura e Eugênia, e suas deficiências físicas, bem como de Brás e sua deficiência intelectual, revelam um período em que a aparência física e intelectual exalam valor e prestígio sociais às pessoas.

2 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA

A literatura compreende a parte da arte que pode promover um espaço acessível a todos, uma vez que:

[...] tem o poder de mobilizar e impactar a sociedade de diversas maneiras. Através das histórias e das palavras, a literatura pode abordar questões sociais importantes, despertar empatia, promover reflexões e questionar normas estabelecidas. Além disso, ela tem o potencial de trazer à tona temas sensíveis, oferecer escuta e reverberar a voz aos marginalizados, explorar questões de identidade, injustiça e desigualdade, e inspirar ação e mudança (PAULINO, 2023, p. 30-31).

Nessa esteira, compreendemos o papel exercido pela arte da escrita, da poesia, das entrelinhas, do romance, e de outras formas que alavancam esse poder transformador. A literatura é capaz de mobilizar a sociedade ao abordar

questões sociais, morais, religiosas, sanitárias, entre outras, que proporcionam certa reflexão à humanidade. É por meio de histórias e palavras que ela desperta a empatia, desafia as normas e dá visibilidade a temas sensíveis e marginalizados. Essa arte não somente inspira mudanças, mas promove, também, um olhar crítico e mais humano sobre o mundo.

Para Antonio Candido,

[...] a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio social psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (CANDIDO, 1995, p. 177).

No trecho acima, Candido reforça a importância da literatura como elemento essencial à saúde social e psíquica dos seres humanos. Posto que, da mesma maneira que o sonho é necessário para o equilíbrio mental de um indivíduo, é também a literatura. Esta, ao desempenhar seu papel similar na sociedade, proporciona reflexões e emoções que atuam no subconsciente coletivo. Ela contribui para a humanização, permitindo que as pessoas se reconheçam em suas experiências e sentimentos. Ao fazer isso, reforça a humanidade em cada indivíduo, ajudando a construir um senso de identidade e pertencimento.

No que tange à inserção de personagens com deficiência em narrativas tupiniquins, o que se avista é um certo acanhamento. Quando muito, o que se identifica a partir da imersão dessas personagens, é que suas versões expostas nas narrativas carregam estereótipos e preconceitos. Entretanto,

[...] algumas obras conseguiram quebrar esses estigmas contribuindo para desmistificar a ideia de uma literatura considerada inferior e conseguiram romper com estigmas, contribuindo para uma literatura brasileira mais inclusiva e representativa. Mostrando a importância de oferecer escuta e espaço para personagens com deficiência, proporcionando uma visão mais realista e diversa da experiência humana (PAULINO, 2023, p. 33).

De acordo com o trecho exposto acima, a relação entre literatura e pessoas com deficiência consiste no poder da arte da escrita em desafiar

estigmas sociais ao retratar personagens com deficiência de maneira autêntica e complexa. E isso, ainda que timidamente, vem acontecendo, pois se observa no cenário brasileiro a existência de algumas narrativas que destinaram/destinam espaços para a construção de personagens com deficiência.

Um exemplo da ideia apresentada acima é o cenário folclórico brasileiro, um prato cheio para a invenção e reinvenção de narrativas de cunho mitológico. É comum ouvir histórias de figuras como o Saci, por exemplo. Esse ser mitológico, descrito na maioria das vezes como um personagem icônico, cuja origem está enraizada em diversas tradições indígenas, que posteriormente se mesclaram com influências africanas e europeias. Essa fusão cultural resultou em múltiplas representações do Saci ao longo do tempo, variando de acordo com as regiões do país.

Quanto às características, O Saci quase sempre foi visto

Como um ser travesso, com características físicas semelhantes às das crianças indígenas, como duas pernas e pele negra, porém com a peculiaridade de possuir um rabo. Com influências africanas, foi associado a um menino negro que perdeu a perna lutando capoeira e herdando o pito (uma espécie de cachimbo) da cultura africana (PAULINO, 2023, p. 33).

Uma vez que,

Para muitos folcloristas, o Saci é considerado um fiel representante de um período social da história do Brasil: a época da escravidão. Não sendo por acaso que o Saci apresenta-se com uma perna só, pois todos os escravizados fugidos que eram recapturados passavam por muitas torturas, e, muitas vezes, eram esquartejados (FIGUEIRA, 2020, p.152).

Observamos, a partir das citações acima, que a inserção da personagem Saci advém de uma visão estereotipada. Sendo, portanto, uma “representação da deficiência de forma negativa na literatura” (BOGONI, 2020, p. 38). Há, nesses casos, a prevalência de características físicas que distinguem essas personagens das **comuns**. A visão que se permite, nesse cenário, está sempre associada a desvios de caráter, à aparência desfigurada, a limitações ou outras características que colocam as pessoas com deficiência em uma posição de desvantagem em relação às outras personagens.

Ainda sobre essa mesma personagem, destaca-se a **Turma do Pererê** (1959), representação feita pelo cartunista Ziraldo (1932-2024), que saudosamente nos deixou no ano de 2024, aos 91 anos de idade. A partir de suas representações, voltadas ao público infantil urbano, o Saci ganha novos significados, uma vez que o cartunista decide ressignificar o papel desse ser mítico brasileiro, apostando numa “abordagem mais lúdica e inclusiva” (PAULINO, 2023, p. 23). Dessa forma, Ziraldo possibilita à sociedade entrar em contato com uma visão diferente e positiva do Saci, desconstruindo o estereótipo anterior.

Nesse contexto, compreendemos a ação de Ziraldo como a “representação positiva da deficiência na literatura” (BOGONI, 2020, p. 53). A partir dessa perspectiva, nota-se a presença de personagens limitados pela deficiência, no entanto, a construção do enredo oferece ferramentas que possibilitam a superação dessas adversidades, tornando o mundo um lugar mais inclusivo, respeitoso e igualitário.

Passaremos, a partir de agora, a uma análise de três personagens com deficiência.

2.1 LAURA, DE **A PATA DA GAZELA**

Laura, do romance **A Pata da Gazela** (2012), de José de Alencar, possui uma deficiência física – um pé deformado –, que é motivo de vergonha e insegurança para essa personagem. O romance é ambientado na cidade do Rio de Janeiro, em meados do século XIX, quando a aparência física era critério mais que importante para agregar valor e prestígio social a uma pessoa.

Ademais, o romance retrata um triângulo amoroso entre Amélia, Leopoldo e Horácio, possuindo como cenário a vida burguesa carioca do século XIX. Horácio, um jovem rico e superficial, encontra uma botina e, fascinado pela ideia de que sua dona tenha pés perfeitos, decide procurá-la. Inicialmente, acredita que o sapato pertence a Amélia e a corteja, motivado por seu fetiche. No entanto, ao suspeitar que os pés **defeituosos** são dela e que a botina, na verdade, é de sua prima Laura, Horácio transfere seu interesse para Laura. Mais tarde, descobre que o sapato é mesmo de Amélia, o que o leva a

perceber a deficiência física de Laura. Diante da descoberta, Horácio abandona qualquer tentativa de aproximação com essa personagem.

Cabe ainda lembrar que Laura não é a protagonista deste romance de José de Alencar, mas desempenha um papel central na trama, já que a atitude dos personagens principais é definida pela maneira como lidam com sua deficiência física. Horácio a rejeita e a exclui; Amélia, por outro lado, a respeita e inclui, demonstrando aceitação por meio da convivência. Já Leopoldo, por inicialmente acreditar que a deficiência pertence a Amélia, a aceita sem hesitação, pois seu amor transcende qualquer forma de preconceito. Logo, Horácio é a representação da sociedade excludente e preconceituosa do século XIX.

Acerca da visão social brasileira do século XIX sobre a pessoa com deficiência, Paulino (2023) destaca que não havia muita preocupação em relação à assistência. Somente com a chegada de revistas e livros europeus, é que se desencadeou o avanço cultural: período em que algumas organizações voltadas para as pessoas com deficiências foram criadas. Isso mudou. Por iniciativa de Dom Pedro II, foram criadas instituições como o Imperial dos Meninos Cegos, 1854, e o Instituto dos Surdos-Mudos, que oferecia educação literária e formação profissional para meninos surdos.

Por outro lado, ao falar do artista escultural **Aleijadinho**, Paulino (2023) destaca que:

tivemos no Brasil, um exemplo notável de um artista com uma deficiência física que deixou um legado artístico duradouro. Antônio Francisco Lisboa, conhecido como **Aleijadinho**, durante o século XVIII e XIX, apesar de enfrentar a tromboangeíte obliterante, uma doença que afetava suas mãos e pés, realizou trabalhos impressionantes em pedra, como a escultura dos doze profetas no adro da igreja do Bom Jesus dos Matozinhos. Sua habilidade e genialidade artística foram reconhecidas por seus contemporâneos, apesar de sua condição física. Aleijadinho faleceu aos oitenta e quatro anos, solitário e esquecido, parcialmente paralisado e cego (PAULINO, 2023, p. 29).

Percebemos, a partir do exemplo acima, que o sentimento de invisibilidade vivido por Laura não foi algo oriundo de sua personalidade, e sim da manifestação de um olhar preconceituoso e segregador, comum à época. Laura era uma pessoa bem sucedida no campo financeiro, conforme descreve o trecho abaixo:

Laura perdera o marido aos 17 anos, pouco tempo depois de casada. Era rica; não lhe faltavam pretendentes atraídos pelo dote e pela beleza; mas ela não parecia disposta a tentar a segunda vez a felicidade conjugal, embora não tivesse passado da lua de mel. É natural que o desejo lhe chegasse com o primeiro fio de neve; quando fossem rareando os apaixonados que a cercavam (ALENCAR, 2012, p. 121).

Laura enfrenta a seguinte realidade: suas qualidades — beleza, sucesso, educação — são ofuscadas por aquilo que mais a constrange, seus pés deformados. Sua vergonha não está relacionada ao seu caráter ou personalidade, mas exclusivamente a essa imperfeição física, que é fortemente rejeitada pela sociedade ao seu redor. Esse contexto a faz se sentir retraída, levando-a a usar vestidos longos e sapatos largos, numa tentativa de ocultar aquilo que considera seu maior motivo de vergonha.

Logo, ao compararmos uma pessoa real a um personagem da literatura brasileira, ambos com deficiência, destacamos a questão da invisibilidade. Laura, mesmo sendo uma mulher bonita e pertencente à burguesia carioca, não se permitia viver um novo amor ou sequer ser vista, pois sabia que seria rejeitada pela sociedade da época. Assim, ela se ocultava, anulando sua própria presença. Da mesma forma, o **Aleijadinho**, que apesar de ter contribuído artisticamente de maneira significativa para o Brasil, foi esquecido, falecendo sozinho e sem a devida atenção.

Temos, portanto, **a literatura imitando a vida**. Não se sabe ao certo se a intenção de José de Alencar foi essa: refletir sobre o papel da pessoa com deficiência do século XIX. No entanto, sua criação, a personagem Laura, é o reflexo de como a sociedade da época agia diante dessa pessoa. Assim como Laura e Aleijadinho, muitas outras pessoas sofreram diante de tais condições. Quantas **Lauras** existiram na realidade do século XIX? Quantas mulheres se viram intimidadas e anuladas por serem pessoas com deficiência?

Dessarte, percebe-se a insegurança gerada por uma perspectiva social, que, no caso da mulher, a deixa na condição de dupla vulnerabilidade, conforme explicam Mello e Nuernberg: “as mulheres com deficiência estão em dupla desvantagem devido a uma complexa combinação de discriminação baseada em gênero e deficiência [...]” (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 639). Dessa forma, a história de Laura não apenas ecoa as vivências de inúmeras

mulheres reais, como também nos convida a refletir sobre as marcas de desigualdade e invisibilidade que ainda persistem na sociedade.

Paulino (2023) afirma que as pessoas com deficiência eram totalmente marginalizadas pela sociedade do século XIX. O que se percebe na narrativa de José de Alencar, ainda que de forma sutil, pois sugere, de um lado, que a compensação para o mocinho Leopoldo é o fato de os pés deformados não pertencerem à sua amada Amélia. Do outro lado, a punição de Horácio reside em seu cortejo a Laura, a verdadeira dona desses pés. Assim, apesar de toda a descrição da beleza de Laura, de seu bom caráter e de sua posição social, nada disso parece ter valor diante de sua deficiência.

Some-se ainda o sentimento de vergonha que persegue Laura, partindo, inicialmente, de sua própria família, pois, além de sua prima Amélia, as únicas pessoas que conhecem a deficiência de Laura são seus pais. Esses, especialmente sua mãe, são os primeiros a desejar que essa situação permaneça oculta para a sociedade. Desde cedo, Laura é conscientizada a esconder a deformação de seus pés. Embora seja uma jovem esbelta e bonita, sua deficiência acaba se sobressaindo. Seus pais viam isso até mesmo como um castigo divino, posto que, o que é considerado horrível, para a época, está acima, à beleza angelical de Laura.

2.2 BRÁS, DE TIL

No romance **Til** (2019), de José de Alencar, deparamo-nos com o personagem Brás, que para alguns críticos literários é um jovem epilético, rejeitado pela família, por sua deficiência. A única pessoa da narrativa que lhe oferece atenção é Berta, a personagem principal, responsável por alfabetizá-lo. Brás é sobrinho de Luís Galvão, o grande fazendeiro da região. A história é ambientada na Fazenda das Palmas, localizada em Campinas, São Paulo, no ano de 1826.

Berta, protagonista da obra, é chamada de **Til** e **Inhá**. O apelido **Til** foi dado por Brás. Brás vive de favor na casa do tio de Luís Galvão, “[...] desmanchando a elegância burguesa dos almoços da família Galvão com a sua ruidosa porcaria.” (CANDIDO, 2009, p. 545). Brás era muito maltratado por

essa família, principalmente por Ermelinda, a esposa de seu tio. José de Alencar, assim, descreve Brás:

[...] um menino de 15 anos de idade, cuja figura destoava de todo o ponto, no quadro daquela família, que respirava a graça e a inteligência. Era feio, e não só isso, porém mal-amanhado e descomposto em seus gestos. Tinha um ar pasmo que embotava-lhe a fisionomia; e da pupila baça coava-se um olhar morno, a divagar pelo espaço com expressão indiferente e parva. Curvado como um arco sobre a mesa, com as vestes em desalinho e os cabelos revoltos, abraçava uma xícara de almoço, que lhe ficava abaixo do queixo; e escancarando a boca enorme para sorver de um bocado a grande broa de milho, ensopada no café, mastigava a tenra massa a fortes dentadas e sofregante como se estivesse rilhando um couro (ALENCAR, 2019, p. 31).

Para Ermelinda, Brás não deveria estar ali, pois o vê como um elemento que distorce a aparente harmonia familiar, uma vez que, todas suas características tanto físicas, como de comportamento diferem do retrato **perfeito** de sua família:

Percebia-se logo que a influência de dona Ermelinda não penetrara nesse membro enfezado da família, refratária a todo o preceito de ordem e arranjo. Por isso a dona de casa, quando presidia a mesa de seu lugar de honra, observando o serviço e ocupando-se de todos, não transpunha aquele ângulo, onde sentava-se o pequeno. Se acontecia a seu lugar, circulando a sala, passar por aí, cegava-se e fugia com desgosto.

Naquele momento acabava o menino de fazer um das costumadas estrepolias, virando com o queixo a xícara, que entornou-lhe todo o café no peito da família.

[...]

– Que vergonha! – murmurou a crioula em meia-voz. – Marmanjo deste tamanho não saber comer na mesa.

Um raio maligno lampejou na pupila baça do pequeno.

– Nhô Brás! – gritou a rapariga tomada de dor.

O menino por baixo da mesa fisgara-lhe o garfo na coxa (ALENCAR, 2019, p. 32).

A escrita da obra não explicita a deficiência de Brás, apenas narra seu comportamento agitado e sua dificuldade de aprendizagem. No entanto, em pesquisas sobre o romance e sobre o personagem Brás, encontramos descrições como **epilético** e com **problemas mentais**, conforme escreve Barbosa: “Brás é uma figura muito presente em todo o livro, embora, muitas vezes, de maneira sorrateira e periférica. Por ter problemas mentais [...]” (BARBOSA, 2012, p. 147). Brás tem relação direta apenas com Berta; suas

interações com os demais personagens são sempre marcadas por comportamentos indesejados.

Antonio Candido, ao analisar as obras de José de Alencar, menciona: “o cretino epilético de Til, Brás, descrito com sangue naturalista” (CANDIDO, 2009, p. XX). Além de Brás, outra personagem do romance também sofre de ataques epiléticos, sendo chamada muitas vezes de **louca**, embora sua condição tenha surgido após presenciar um assassinato.

Os trechos citados, bem como as análises de Barbosa e Candido, nos levam a refletir sobre o tratamento ofertado às pessoas com deficiência na época. Brás, um jovem de 15 anos, é marcado apenas por sua conduta peralta. Com exceção da heroína do romance, os demais personagens o ignoram, reprimem ou até o excluem. Embora Brás seja membro legítimo da principal família da fazenda, não recebe tratamento digno, tampouco possui o mesmo prestígio de seus primos Afonso e Linda. Fator este, dado à sua condição de deficiente, o que o coloca à margem da sociedade.

Dessarte, a história ocorre no início do século XIX, quando a

[...] tolerância já estava totalmente desvinculada do seu sentido religioso, porém com um significado tal como ainda encontramos nos dicionários: tolerar como consentimento tácito de suportar ou aguentar, revelando a ideologia do colonizador no seu projeto de dominação (SILVA, 2006, p. 431).

A mulher de Luís Galvão tolerava o sobrinho do marido, pois não tinha outra opção: “era obrigada a conviver, em sua própria casa, com Brás, um menino retardado e epilético, filho da finada irmã de seu marido” (BARBOSA, 2012, p. 141). Na história, nenhum outro personagem demonstra afeição por Brás, exceto Berta. Por outro lado, a personagem que manifesta total aversão a Brás é dona Ermelinda.

Sobre o preconceito direcionado à pessoa com deficiência, Silva destaca:

O preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade. A deficiência inscreve no próprio corpo do indivíduo seu caráter particular. corpo deficiente é insuficiente para uma sociedade que demanda dele o uso intensivo que leva ao desgaste físico, resultado do trabalho subserviente; ou para a construção de uma corporeidade

que objetiva meramente o controle e a correção, em função de uma estética corporal hegemônica, com interesses econômicos, cuja matéria-prima/corpo é comparável a qualquer mercadoria que gera lucro (SILVA, 2006, p. 426).

A descrição de Brás e suas ações denotam a visão da sociedade da época acerca da pessoa com deficiência. O jovem de 15 anos é caracterizado de forma estereotipada, com destaque, apenas, para suas limitações. Sua condição, o coloca fora do núcleo familiar e social, tido como um fardo, apenas tolerado, sem afeição verdadeira, exceto por Berta. Silva (2006) acentua que o preconceito contra pessoas com deficiência é um mecanismo de exclusão, em que suas limitações e diferenças são vistas como incapacidade, por isso, Brás é tratado de tal maneira no romance. A personagem Ermelinda é o principal símbolo dessa rejeição social, rotulando-o como **insuficiente** para o convívio. Assim,

as diferenças tornam-se desigualdades nas quais os indivíduos são negados entre os que se consideram iguais. É pertinente considerar a produção social dessa diferença, que resulta em atitudes, preconceitos, estereótipos e estigmatização, posicionando socialmente aqueles considerados diferentes como cidadãos de segunda categoria (SILVA, 2006, p. 432).

A análise de Silva nos permite entender como Ermelinda representa a postura de uma sociedade que rejeita e marginaliza a pessoa com deficiência. Ela ignora e relega Brás a um canto da casa. Desse modo, vemos claramente como a diferença física e cognitiva de Brás é percebida como algo pequeno, desnecessário àquela convivência familiar. A aversão de Ermelinda expõe um preconceito enraizado que vê o ser com deficiência com uma falha, sem utilidade.

2.3 EUGÊNIA, A FLOR DA MOITA, DE **MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**

No ano de 1881, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** dava início ao Realismo no Brasil. Machado de Assis faz valer-se desse romance para apresentar um retrato da sociedade brasileira do século XIX, utilizando a

cidade do Rio de Janeiro e a burguesia carioca para desnudar os problemas sociais vividos naquela época.

Não bastasse os inúmeros questionamentos elencados por essa narrativa, a presença de um **defunto autor** torna-a mais cativante, dado o fato deste já está morto e, portanto, não se prendendo às regras da boa convivência humana, uma delas, o cuidado com aquilo que se fala.

No espelho social construído pela narrativa machadiana, destaca-se a presença das várias classes sociais. Do branco ao negro, do rico ao pobre, do homem à mulher, da pessoa com deficiência à pessoa sem deficiência, entre outros.

Das relações de amizades às relações amorosas, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** apresenta de modo frio e calculista, o viés do interesse por trás de cada uma delas. Por enquanto, vamos às relações amorosas de Brás Cubas.

Naturalmente, essas relações são um reflexo da sua vida e de suas paixões. Estas, que vão desde a ardente relação com Virgília, quando o amor se mescla com a ambição social; sua ligação com Marcela, em que o afeto parece subordinado ao fascínio pelo dinheiro; o trágico fim de Nhã-Loló, marcado por um sentimento de perda irreparável; até sua conexão com Eugênia, a flor da moita: os sentimentos genuínos que se entrelaçam às convenções sociais da época. Sendo esta última personagem, a escolhida para a nossa análise.

Após aceitar as súplicas de seu pai para que fosse com ele à casa do Conselheiro Dutra, Brás Cubas decide seguir o conselho do **moleque** Prudêncio de fazer uma visita à casa de Dona Eusébia. É lá que ele encontra, pela primeira vez, após seu retorno ao Rio de Janeiro, Eugênia. Como descrito no trecho abaixo:

Eugênia, a flor da moita, mal respondeu ao gesto de cortesia que lhe fiz; olhou-me admirada e acanhada, e lentamente se aproximou da cadeira da mãe. A mãe arranhou-lhe uma das tranças do cabelo, cuja ponta se desmanchara. — Ah! travessa! dizia. Não imagina, doutor, o que isto é... E beijou-a com tão expansiva ternura que me comoveu um pouco; lembrou-me minha mãe, e, — direi tudo, — tive umas cócegas de ser pai. (ASSIS, 2022, p. 93).

O encontro de Brás Cubas com Eugênia desperta sensações que são evidenciadas tanto pelo contexto quanto pela fala do narrador ao descrever o fato de sentir despertar dentro de si o desejo de ser pai. Logo, o primeiro encontro celebra um misto de pressentimentos iniciais que são acentuados nos próximos encontros, culminando, por fim, no beijo. Aliás, segundo nosso defunto autor, este não foi roubado,

[...] mas candidamente entregue, como um devedor honesto paga uma dívida. Pobre Eugênia! Se tu soubesses que ideias me vagavam pela mente fora naquela ocasião! Tu, trêmula de comoção, com os braços nos meus ombros, a contemplar em mim o teu bem-vindo esposo, e eu com os olhos de 1814, na moita, no Vilaça, e a suspeitar que não podias mentir ao teu sangue, à tua origem... (ASSIS, 2022, p. 100).

O olhar irônico sobre a própria cena evidencia que Brás Cubas está ciente de suas fraquezas e preconceitos, mas os narra com um tom que apela para a mistura da confissão e do desdém. Acontece que, neste trecho, nosso defunto autor já descobriu um fato que elimina qualquer possibilidade de consumação do relacionamento, quando fazemos referência ao matrimônio.

Pois bem. Em uma de suas visitas à casa de dona Eusébia, Brás Cubas vê-se diante de um fato que altera sua visão inicial acerca da beleza de Eugênia, ela era coxa. Isso mesmo, coxa, conforme descreve o excerto a seguir:

Saímos à varanda, dali à chácara, e foi então que notei uma circunstância. Eugênia coxeava um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé. A mãe calou-se; a filha respondeu sem titubear:

— Não, senhor, sou coxa de nascença. (ASSIS, 2022, p. 98).

Neste ponto, o narrador revela a surpresa diante do fato de Eugênia ser coxa. Essa ação evidencia a visão preconceituosa e elitista do narrador, mas que se constitui enquanto espelho social da época. Sucedem-se, ainda, dois outros pontos que merecem destaque: o primeiro consiste na sinceridade de Eugênia ao responder que era **coxa de nascença**, sugerindo a aceitação de sua condição. O segundo refere-se ao constrangimento da mãe, temendo o impacto dessa revelação no interesse de Brás Cubas.

Ademais, a observação do narrador, aparentemente casual, reflete o desprezo que ele desenvolve por Eugênia, reforçando sua superficialidade e insensibilidade. Uma vez que, daí sucede-se um olhar diferente, por parte do narrador em relação à personagem Eugênia, evidenciado no trecho abaixo:

Então lembrou-me que da primeira vez que a vi — na véspera — a moça chegara-se lentamente à cadeira da mãe, e que naquele dia já a achei à mesa de jantar. Talvez fosse para encobrir o defeito; mas por que razão o confessava agora? Olhei para ela e reparei que ia triste. (ASSIS, 2022, p. 98).

Constata-se, a partir das palavras de Brás Cubas, que a deficiência de Eugênia, era, de fato, um defeito. Porquanto, a visão do defunto autor se constitui como um retrato da visão que era direcionada a pessoas como Eugênia. Posto que, naquele período, assim como em todo o período colonial brasileiro “a vida das pessoas com deficiência era marcada por práticas de exclusão do convívio social, sendo, na maioria das vezes, limitadas ao âmbito familiar” (ALMEIDA, 2014, p. 45).

Ainda sobre o trecho acima, percebe-se uma transição, que vai da percepção inicial do narrador sobre a moça a uma observação mais atenta de seu comportamento. Da aproximação cautelosa até sua presença à mesa, Brás Cubas dá a entender que ela ocultava algo. Infere-se, ainda, certa tristeza e melancolia por parte de Eugênia, o que nos faz refletir sobre um sofrimento interno, que possivelmente estaria relacionado à deficiência que ela tentara inicialmente esconder.

Ademais, a descoberta da deficiência de Eugênia faz Brás Cubas repensar seus laços afetivos com a moça. Passando, então, a questionar o fato dela ser bela, mas coxa: “Pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita?” (ASSIS, 2022, p. 99). Fato é que esse foi o motivo que levou o narrador a se afastar de Eugênia.

Nessa esteira, destacamos duas vertentes para tal situação. Na primeira, destacamos o sinal de alívio e felicidade de Brás Cubas em romper com o relacionamento, transmitindo ao leitor que ficou “aliviado e foi dormir” (ASSIS, 2022, p. 99). Na segunda, observamos que a melancolia de Eugênia deixa em evidência as marcas da exclusão social da pessoa com deficiência,

manifestadas na fala que dirige ao narrador: “Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo” (ASSIS, 2022, p. 102). Ao manifestar tais palavras, a jovem de 16 anos de idade demonstra conhecimento sobre a própria realidade, relegada às margens e à tristeza que o convívio social lhe permite. Rechaçado, inclusive pelo discurso do narrador ao encontrá-la anos depois: “[...] achei a flor da moita, Eugênia, a filha de dona Eusébia e do Vilaça, tão coxa como a deixara, e ainda mais triste” (ASSIS, 2022, p. 327).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, analisamos a inserção de três personagens com deficiência dentro de obras brasileiras do século XIX. Nosso objetivo, portanto, foi identificar o processo de inserção dessas personagens dentro das narrativas, para, desse modo, perceber como tais textos desnudam a condição de vida da pessoa com deficiência, bem como o descaramento da classe social dominante quanto ao solapar de atos segregadores daquele século.

A análise das personagens Laura, Brás e Eugênia revelou como as normas sociais do século XIX influenciaram a construção de suas identidades e ditaram suas experiências de vida. Suas condições tornaram-se um peso emocional que as isola e as torna invisíveis, refletindo a exclusão vivida pelas pessoas com deficiência na sociedade daquela época. Mesmo possuindo qualidades, essas personagens enfrentam constantemente situações de constrangimento e insegurança, mostrando que a aceitação social dependia, em grande medida, da conformidade aos padrões estéticos e comportamentais vigentes.

Ademais, reconhece-se o papel fundamental da literatura em revelar à sociedade de cada época as diferentes realidades vividas, o que nos leva a reflexões relevantes nos dias atuais. A literatura cumpre, assim, seu papel de denúncia das injustiças, mas também de inclusão, uma vez que, ao retratar personagens e suas difíceis trajetórias, possibilita que as pessoas com deficiência sejam vistas e reconhecidas perante a sociedade.

BUILDING DIFFERENCE:

DISABILITY AS A SOCIAL ASPECT IN **A PATA DA GAZELA**, **TIL**, AND **MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**

This paper analyses the representation of characters with disabilities in three 19th-century Brazilian narratives: Laura, from **A Pata da Gazela** [**The Foot of the Gazelle**]; Brás, from **Til**; and Eugênia, from **Memórias Póstumas de Brás Cubas** [**The Posthumous Memoirs of Brás Cubas**]. The study seeks to understand how disability shapes the construction of these characters and their social interactions, highlighting the processes of exclusion and stigmatisation they face. As these works reflect the prejudices of Brazilian society in each period, they open space for questioning on social norms related to disability. In this way, it becomes evident how literary discourse can contribute to the formation of a more critical and inclusive society, capable of understanding and coexisting with differences. To support our discussion, we use the following theoretical references: Almeida (2014), Barbosa (2012), Candido (1995; 2009), Figueira (2021), Paulino (2023), among others, as well as the literary works analysed.

Keywords: Disability. Literature. Characters. Narratives.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. **A Pata da Gazela**. 3. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

ALENCAR, J. **Til**. 3. Ed. - Jandira, SP: Principis, 2019.

ALMEIDA, L. R. L. **Bioidentidades e estratégias de comunicação: a deficiência intelectual como foco de experiência em uma sociedade centrada na negociação de conhecimentos**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo, 2014.

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Excelsior, 2022.

MEMÓRIA GLOBO. **A Turma do Pererê**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/a-turma-do-perere/noticia/a-turma-do-perere.ghtml>. Acesso em: 10 de outubro de 2024

BARBOSA, P. M. **O idílio degradado: um estudo do romance Til, de José de Alencar**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 255, 2012.

BOGONI, R. M. **A representação da deficiência em narrativas ficcionais: um estudo comparado sobre as diferenças na literatura** / Rosangela Marcilio Bogoni. - Foz do Iguaçu-PR, 2020. 103 f.: il.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos**. 12. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: FAPESP/Ouro sobre Azul, 2009.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.

FIGUEIRA, E. **As Pessoas Com Deficiência na História do Brasil: Uma trajetória de silêncio e gritos!**. Wak, 2021.

MELLO, A. G.; NUERNBERG, A. H. **Gênero e deficiência: interseções e perspectivas**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2012, p. 635-655. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000300003/23816>. Acesso em 12 de out. de 2024.

PAULINO, M. E. M. **A ficcionalização de pessoas com deficiência na literatura brasileira: uma leitura a partir de Machado de Assis e Miriam Alves**. / Maria Eduarda de Melo Paulino. - João Pessoa, 2023. 59 f.

SILVA, L. M. **O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e deficiência**. Revista Brasileira de Educação, Bahia, 2006, p. 424-561. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300004. Acesso em 12 de out. de 2024.